

## ENTREVISTA DE RICARDO BRAZ À ANTENA 1 (cont.)

Lisboa foi realizado por uma equipa interna à própria Câmara. A qual felicito desde já, uma vez que deu um excelente exemplo de como as coisas se podem fazer bem internamente, desde que exista essa capacidade técnica envolvida. No entanto, devo sublinhar igualmente que o território de Lisboa é um território totalmente urbano, não apresentando por isso as vicissitudes dos territórios retratados.

**CC** – Considera mais fácil ou mais difícil elaborar um PDM em Gondomar, Leiria ou Silves do que em Lisboa?

**RB** – São questões distintas. Eu diria que o PDM de Lisboa é quase que um PU (Plano de Urbanização), se não o é mesmo. Não sendo necessariamente mais fácil, tem uma abordagem distinta de um PDM que implica a consideração do território não só urbano, como também do rural.

**CC** – Apontaria, portanto, o PDM de Lisboa (aquele que está em vigor nesta altura, e que recebeu um prémio de excelência pelo seu carácter inovador) como uma espécie de documento padrão que poderia ser seguido (com naturais e evidentes especificidades) pelos restantes municípios?

**RB** – Com certeza. Eu diria que uma questão fundamental para que a revisão dos PDM's possa ser menos morosa (para além das alterações administrativas e da tramitação) é a simplificação dos conteúdos que a ele estão associ-

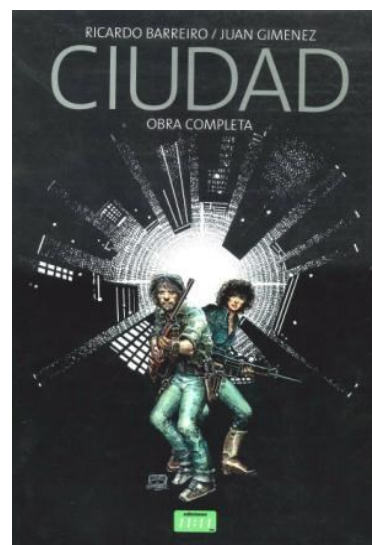
ados. O PDM é hoje um repositório de estudos imensos, muitas vezes solicitados por entidades da Administração Central, sem se compreender muito bem a razão desses mesmos estudos. Outra questão passa pelas diferentes velocidades de desenvolvimento do processo de revisão, intrinsecamente relacionadas com as respetivas CCDR's, verificando-se velocidades distintas para o Norte, para o Centro e para o Sul, sendo urgente a uniformização dos procedimentos.

**CC** – Para fecharmos, a quem é que se pode pedir responsabilidades a respeito da uniformização dos procedimentos?

**RB** – À DGT (Direção Geral do Território). Que não tem seguido essa prática, de facto. O nosso objetivo é insistir para alterar essa forma de atuação. A Nova Lei de Bases constitui um dos exemplos que não promove qualquer tipo de simplificação, do mesmo modo que não encara os PDM's como os instrumentos de carácter estratégico que eles devem ser. Quando esta nova lei entrar em vigor, iremos presenciar uma nova alteração legislativa e veremos qual o reflexo dessa alteração nos processos de revisão em curso.

**CC** – Doutor Ricardo Braz, muito obrigada por ter vindo à Antena 1 detalhar connosco este tema. Até uma próxima oportunidade!

## ARTIGO DE OPINIAO I



### “CIDADE” POR GIMENEZ E BARREIRO

Quando a coloração já começava a dominar o panorama da banda desenhada nos finais da década de 70, a dupla argentina composta por Juan Gimenez (desenhador) e Ricardo Barreiro (argumentista – já falecido) lançou a sua última grande obra a preto e branco - “Ciudad”.

Tudo aconteceu nos primeiros meses de 1980, ambos já se encontravam a residir na Europa devido à ditadura na Argentina, Gimenez que habitava em Madrid e Barreiro que habitava em Paris, decidiram então tentar a sua sorte e apresentar um projeto à Editora Lancio em Roma, pois a vida profissional de ambos não estava a correr de feição. O guião desta estória fantástica foi decidido durante a viagem de táxi, desde a estação de Roma Termini até à editora.

Segundo Gimenez, queriam fazer

## ARTIGO DE OPINIAO I (cont.)

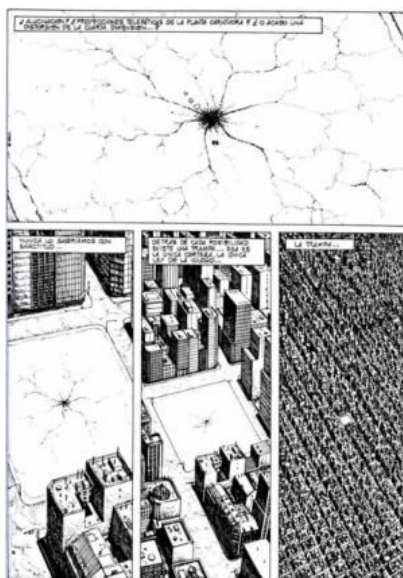
algo de diferente e a ideia inicial de Barreiro baseava-se na sua própria existência, ou seja, seria um conjunto de aventuras em que pretendiam expor os medos fobicos, fantasmas e fantasias inverosímeis que de certo modo todos temos um pouco. Esta aventura inicia-se com o personagem principal – Jean (baseado também nas características físicas de Barreiro), em que após mais um dia entediante no trabalho, se vai encontrar com a sua namorada. Mas até aí a rotina o persegue e para desanuviar decide ir a pé até ao seu apartamento. Embrenhado nos seus pensamentos deambula pela cidade mas começa a aperceber-se que não conhece aquele bairro, nem aquelas ruas. Dá-se conta que pelo tempo da caminhada já deveria estar em casa, tal como o sol já devia ter nascido, mas não encontra ninguém e a cidade está semidestruída.

Começa a entrar em pânico e corre até se aperceber que se encontra numa guerra campal, da qual parece não conseguir escapar. Entretanto é aqui que surge outra naufraga da cidade – Karen, que o salva... Este é o início do “pesadelo em que a realidade do mundo em que vivemos é nos confirmado diariamente de uma maneira mais do que contundente através da rádio, jornais ou televisão.”

Seguem-se mais 11 aventuras, sempre em ambiente urbano, por vezes apocalíptico, em que a mestria do traço detalhado de Gimenez nos mostra uma CIDADE misteriosa e fantástica, numa clara analogia à

uma selva urbana que nos aprisiona e nos matem reféns. Os perigos são diversos e ameaçam constantemente os protagonistas que tentam desesperadamente encontrar uma saída deste labirinto sem fim, que os leva quase à loucura já que aparentemente a cidade não deixa escapar ninguém.

Tal como menciona António Amaral (Seleções BD N.º 14, p.54), consegue-se encontrar um paralelismo com o mestre do realismo fantástico - José Luís Borges, bem como no final, é evidente a homenagem que os autores fazem a outro autor argentino, desaparecido durante a ditadura – Héctor Oesterheld, com a aparição do Eternauta no último capítulo – a saída final.



Infelizmente a obra completa em português nunca foi editada em livro e apenas podem ser encontrados os oito primeiros capítulos nas Seleções BD - 2.ª série, que publicou de dois em dois meses um capí-

tulo, desde dezembro de 1999 até ao final da revista em maio de 2002.

No caso de terem curiosidade, consultem então as Seleções BD 2.ª série com os seguintes números:

Uma bifurcação no caminho - N.º 14 de dezembro de 1999;

Sem saída – N.º 16 de fevereiro de 2000;

Auto Supermarket – N.º 18 de abril de 2000;

Hamelin – N.º 20 de junho de 2000;

Metro sem destino – N.º 22 de agosto de 2000;

Povo catedral – N.º 24 de outubro de 2000;

Dilúvio – N.º 28 de fevereiro de 2001;

Bairro castelo – N.º 31 de maio de 2001.

Para quem não se importe de ler em espanhol, as Ediciones 11:11 editaram num único livro todos os capítulos e desse modo podem ler a estória completa desta Obra Maior. Aqui ficam os nomes dos capítulos ainda inéditos em português:

O jardim das delícias;  
Em nome da lei;  
Na obscuridade dos esgotos;  
A saída final.